

ANÁLISE CONTEXTUAL DA PERFORMANCE, *ENTRE O DIA E A NOITE*, NA MOSTRA CULTURAL DA 9ª SIEPE, DE 2023.

PATRÍCIA ANDRÉ DOS SANTOS¹; CLÓVIS VERGARA DE ALMEIDA MARTINS COSTA²

¹Universidade Federal de Pelotas – patimaiot7@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – clovismartinscosta@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O trabalho de performance *Entre o dia e a noite*, envolve pintura, movimento, corpo, moda e sensibilidade, constituindo uma proposta artística que busca explorar as relações entre luz e sombra, tempo e espaço, pintura e dança. O projeto foi idealizado para a 9ª SIEPE, na programação das apresentações culturais, e contou com a participação do músico Sabiá, vinculado ao projeto Pepeu (Programa de percussão na UFPel).

A performance *Entre o dia e a noite* como mostra na figura 1, é um exemplo de criação, que envolve diferentes linguagens artísticas e que busca ressignificar o espaço, e a partir de uma perspectiva poética e crítica buscando experimentar o aqui e agora, através da pintura, do movimento, e do som. Esta performance se constitui dessa liberdade, e carrega todo esse histórico artístico, literário, sociológico, memória e natureza. A performance consiste em uma apresentação, na qual se realizam ações que envolvem pintura, movimento, som e interação com o público através de movimento com a vestimenta, referenciado na obra *Parangolé*, do artista OITICICA (1986).

2. METODOLOGIA

A vestimenta utilizada, que não tem uma forma definida, leva o nome de *Barbatanas*. Essas arquiteturas móveis e moles (as roupas) são também como uma extensão do corpo, que se dispõe como uma saia, podendo ser exposta no corpo ou se movimentar como um barco desgovernado em alto mar. Existe uma relação com as velas de barco que são feitas de tecido e servem como um propulsor e motor natural de pequenas embarcações. Neste espaço, temos o contexto da arte, da moda e do litoral, exposto como um desfile, lugar esse que faz parte da minha poética desde a graduação, como se a estrutura rígida da arquitetura urbana comesse a se diluir no desejo de navegar, ou de ser o mar. Ela pode ser uma saia, pode ser capa, pode ser um “paraquedas”, se metamorfoseando no tempo e no espaço através da ação e do movimento, gerando uma coexistência de linguagens que se misturam como água e vinho, água, terra e ar. Poderia chamar essa vestimenta de cinturão de Órion, ou Três Marias, por conter três tecidos simétricos costurados de forma que, ao se movimentar, ou esticar o tecido, a cor dance junto com o corpo. Não deixa de ser uma dança, também não deixa de ser uma arte cênica. Essa vestimenta na performance poderia ser um barco, poderia ser uma casa, ou um oceano inteiro.

A performance tem como grande referência artística os *parangolés* do artista brasileiro OITICICA (1986), por serem obras de arte que consistem em tecidos coloridos e estampados que podem ser vestidos pelo público, criando uma experiência sensorial e participativa. Relaciono as pinturas espaciais com a referência do teatro *butoh*, que é uma forma de dança japonesa que explora o movimento expressivo e a transformação do corpo.

O teatro *butoh* surgiu no Japão pós-guerra, como uma reação à destruição causada pelas bombas atômicas e à ocidentalização forçada do país, nisso se expressava o sofrimento, a angústia e a revolta dos japoneses diante da situação histórica. Os *parangolés* de OITICICA (1986), propunham uma nova concepção de arte, que não se limitava ao espaço das galerias e dos museus, mas que se expandia para as ruas e para a vida cotidiana. Assim como o teatro *butoh* propunha uma nova concepção de dança, que não se baseava em técnicas e regras pré-estabelecidas, mas que se abria para a improvisação e a criatividade nessa ideia de que a arte pode ser uma forma de experimentação e de inovação. Ambas as formas de arte desafiavam os padrões estéticos e culturais vigentes, e buscavam criar novas possibilidades de expressão e de significação. Ambas as formas de arte têm em comum a busca pela liberdade de expressão, a ruptura com as convenções e a valorização do corpo como meio de comunicação. Os *parangolés* de OITICICA (1986) foram inspirados pela cultura da favela e do samba, e representavam uma forma de contestar o autoritarismo e a repressão da ditadura militar brasileira.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na obra de OITICICA (1986), o corpo do espectador não era o suporte da obra, que se tratava mais de uma incorporação: "incorporação do corpo na obra e da obra no corpo", como mostra na figura, que se realizava por meio da dança, ou melhor, na e pela estrutura da dança", (BERENSTEIN, 2001).

"O movimento do imóvel. O mesmo princípio criou o cinema: movimentar a fotografia estática. É a temporalidade é também a chave da fragmentação, dessa vontade contemporânea de quebrar, despedaçar, partir, explodir, esmigalhar, dividir, rasgar em suma, de transformar em fragmento". (BERENSTEIN, 2001, p 46)

Aqui já começa a existir um certo olhar no âmbito da pintura que é feita através dos movimentos dos tecidos, que destaca cores, como o preto, o branco e o laranja criando uma narrativa entre o dia e a noite. O movimento é inspirado na ideia de fluidez, como a água que vai e volta, e na linguagem corporal da artista, que expressa suas emoções e sensações como podemos ver na sequência de imagens a seguir. A performance também conta com uma trilha em que o som é composto por uma trilha sonora original, que mistura elementos da música popular brasileira. Percepção específica de determinada paisagem em momentos diferentes. Isso marca o que a fenomenologia da percepção para MERLEAU (2011). Um tecido marítimo que se estende através do corpo. O *aqui e agora* (de cada movimento com os tecidos), que evoca uma paisagem.

São muitas possibilidades com os tecidos em movimento no corpo, que podem se estruturar e se relacionar com o espaço e tempo, numa esfera artística de uma linguagem indefinida, mas vista através da performance.



Registro da performance *Entre o dia e a noite*, realizada na programação Cultural do SIEPE, em 2023.

4. CONCLUSÕES

O fato é que, ao dançar com os tecidos, percebi estar arremessando velas de barco ao vento. Percebi um derramamento, quase um transbordamento, uma fusão e efusão de linguagens acadêmicas e marítimas. O corpo sendo uma extensão do mundo, e o mundo uma extensão do corpo, que ressignifica e é ressignificado o tempo todo, a cada hora do dia e da noite.

Entre o dia e a noite, há um espaço de luz e sombra onde o tempo se desfaz e o corpo se refaz. Há um jogo de cores e formas, onde a pintura se move e o movimento se pinta. Há um encontro de olhares e gestos, onde a percepção se abre, e a expressão se liberta. Há uma potência de ação e reação, onde a performance se cria, e a criação se forma.

Todos os trabalhos aqui citados também fazem parte do projeto de pesquisa *Problemas de pintura: distensões na prática da pesquisa em arte*, coordenado pelo professor e orientador Clóvis Martins Costa, que busca discutir e refletir sobre a pintura no contexto contemporâneo e suas distensões na pesquisa em arte.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

JACQUES, Paola Berenstein. **Estética da ginga. A arquitetura das favelas através da obra de Hélio Oiticica**. Rio de Janeiro, Casa da palavra, 2001.

OITICICA, Hélio. **Aspiro ao Grande Labirinto**. Luciano Figueiredo, Lygia Pape e Waly Salomão, (org). Rio de Janeiro: Rocco, 1986.

PONTY, Merleau-; **Fenomenologia da percepção**. tradução Carlos Alberto Ribeiro de Moura. – 4ª. Ed. – São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011. – (Biblioteca do pensamento moderno).